



Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na segunda-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na segunda-feira	Últimos	Comercial, venda na segunda-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
1,6% São Paulo 1,18% Nova York	153.294 157.748 6/117/1110/1111/11	R\$ 5,273 (-0,64%) 5/novembro5,3616/novembro5,3487/novembro5,33510/novembro5,307	R\$ 1.518	R\$ 6,109	14,90%	14,89%	junho/20250,24Julho/20250,26Agosto/2025-0,11Setembro/20250,48Outubro/20250,09



Liderança feminina é chave para evolução

Autoridades e profissionais reconhecidas em sua área de atuação ressaltam a necessidade de se valorizar as mulheres

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Mulheres participam da 4ª edição do Brasília Summit: em pauta, a desigualdade de gênero na política, na economia e na sociedade

Ser mulher é, acima de tudo, ser guerreira. Apesar dos avanços já obtidos pela luta feminina e do espaço conquistado no mercado de trabalho, as mulheres ainda são minoria em cargos de liderança tanto no setor público quanto no privado. Enfrentam, ainda, grandes desafios, mesmo quando conseguem consolidar uma carreira de sucesso.

Essa foi a tônica geral seguida pela maior parte das participantes durante o 4º Brasília Summit Lide — **Correio Braziliense**, realizada ontem no Brasília Palace Hotel. O tema do encontro foi “Mulheres Líderes” e contou com a participação de expoentes do gênero feminino que se destacam na política e na economia.

Durante o evento, mulheres reconhecidas pela sua competência fizeram um panorama sobre o gênero feminino no Brasil. A head do Lide Mulher, Sylvia Coutinho, argumentou que falar na inclusão das mulheres não é sobre “agenda identitária”, mas sim sobre a eficiência e sobre a qualidade do trabalho, já que elas demonstram competências onde os homens, muitas vezes, falham.

“Isso não é uma agenda identitária, e sim uma agenda de eficiência organizacional e de resultado. E, claro, a combinação de estilos — feminino e masculino — é o que faz a força e maximizam os resultados das empresas, organizações e governos”, disse Sylvia.

Em Brasília, os espaços de poder são predominantemente masculinos. Por essa razão, o depoimento de mulheres que se destacam nesse meio ganha ainda mais relevância. Ministra mais longeva do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Nancy Andrighi, 73 anos, disse que as discussões sobre a presença feminina nas esferas de poder devem ser tema crucial àqueles que almejam uma sociedade mais igualitária.

“Esse espaço sensibiliza as pessoas que ainda estão indiferentes à luta pela igualdade de gênero e, principalmente, joga luzes na mente de outras mulheres para incentivar que, com trabalho e esforço para sermos melhores no que fazemos, nós podemos ir ao encontro de todos os nossos sonhos”, disse a ministra, com 49 anos de magistratura.

Também conhecedora do poder em Brasília, a ex-senadora e jornalista Ana Amélia Lemos ressaltou o contraste entre a presença das mulheres na administração pública e a baixa representatividade na política. “A participação das mulheres no serviço público, porque entram por concurso público, é extraordinariamente elevada. Então, ela passa mais, ela estuda mais e ela vai buscar. E por quê? Porque é uma estabilidade maior, ela tem maior previsibilidade. A política não tem previsibilidade alguma e ela é alvo de ataques de tudo, até por ser mulher. Todos nós somos atacadas”, afirmou.

Para a senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS), a política ainda é um ambiente “inóspito e hostil” para as mulheres. “Quando você adentra no mundo do poder, você sofre e não é pouco”,

disse. A senadora Eliziane Gama (PSD-MA), por sua vez, defendeu a adoção de cotas de gênero para aumentar a representatividade feminina. “A cota é fundamental, porque, se não tivermos essa ação coercitiva, nunca vamos chegar à igualdade e à isonomia que tanto buscamos”.

A luta da mulher para ocupar espaço é individual e coletiva. A vice-governadora do Distrito Federal, Celina Leão, lamentou que a representação feminina em postos de comando ainda não reflita a quantidade de mulheres na sociedade brasileira. Ela apresentou dados do IBGE que corroboram essa sub-representação: as mulheres ocupam 39% dos cargos de gestão na iniciativa privada. “No DF, trouxe dados que mostram que já superamos 42%, mas somos 54% da população”, comparou.

Também presentes no evento, a primeira-dama do DF, Mayara Rocha, e as secretárias Marcela Passamani (Justiça e Cidadania do DF) e Giselle Ferreira (Mulher) destacaram políticas públicas mantidas pelo governo local em favor das mulheres, bem como a importância de se combater o feminicídio.

Respalhada por dados, a deputada federal Greyce Elias (Avante-MG) afirmou, por sua vez, que gestões lideradas por mulheres “tendem a ter mais transparência, empatia e foco em resultados sociais, tanto no setor público quanto no privado”. Para ela, “incentivar e capacitar as mulheres não é um detalhe, é uma questão de estratégia”.

Diretora-geral do Senado Federal, Ilana Trombka, defendeu que as lideranças femininas da vida pública devem ser “feministas”. “Toda liderança feminina tem que ser feminista. Ou acreditamos na equidade como valor principal de liderança, e não apenas feminista, mas de liderança no mundo, ou não acreditamos”, disse.



Celina Leão: mulheres precisam ocupar mais postos de comando



Rose Rainha, do Sebrae-DF: líder feminina transforma empresas

Mercado de trabalho

Um ponto muito ressaltado na 4ª edição do Brasília Summit é a realidade da mulher no mercado de trabalho. A diretora de Assuntos Corporativos, Regulatórios e Sustentabilidade da Latam Brasil, Maria Elisa Curcio, destacou que a aviação ainda carrega fortes marcas de desigualdade de gênero. A executiva relatou casos de preconceito e assédio enfrentados por funcionárias durante os voos. “As mulheres são maioria entre as vítimas de passageiros indisciplinados”, afirmou, ressaltando a necessidade políticas em favor da proteção e valorização feminina.

A presidente do Conselho Nacional da Mulher Empreendedora e da Cultura (Cmec), Ana Cláudia Cotaít, destacou as conquistas da mulher no mundo dos negócios. “O foco do Cmec é estimular a mulher a empreender. A mulher se capacita mais, é mais agregadora e sempre teve papel central, desde os tempos de guerra, quando cuidava da casa, do dinheiro e da família”, disse.

A diretora de Gestão de Pessoas do Banco de Brasília (BRB), Cristiane Lima Bukowitz, também destacou iniciativas internas. “Nós implantamos, desde 2019, um programa de liderança feminina, justamente percebendo que no nosso ambiente a mulher foi perdendo

espaços, já que o segmento financeiro é muito masculino”, relatou. “A medida que o treinamento acontece, a gente começa a mostrar a capacidade viva dentro de cada uma”, afirmou. “É possível liderar sem perder o tom, a docilidade e o respeito com o outro”, concluiu.

Carreira, família, casamento. São muitas as variáveis com as quais a mulher precisa lidar. E isso provoca uma sobrecarga emocional. As emoções foram destaque nas falas da superintendente do Sebrae-DF, Rose Rainha. “Por muito tempo, a emoção feminina foi confundida com fragilidade, mas ela é, na verdade, a força que humaniza decisões, impulsiona a coragem e transforma a liderança”, disse Rose Rainha. “Pesquisas mostram que a mulher, na liderança, tem mais facilidade de estar mais próxima dos seus liderados, o que tem causado mudanças sociais profundas em muitas empresas”, complementou.

A médica especializada em longevidade Fernanda Catena, do Hospital Vila Nova Star, reforçou a importância de a mulher cuidar do seu equilíbrio físico e psicológico no processo de construção de sua carreira. Ela lembrou que, para atingir os postos mais altos da organização para a qual trabalha, a mulher acaba por deixar o autocuidado em segundo plano. E sofre o que os especialistas chamam

de “brain fog”, ou névoa mental — uma sensação de confusão, dificuldade de memória e raciocínio lento que costuma afetar mulheres a partir dos 40, 50 anos, período em que o organismo feminino passa por mudanças por causa da menopausa. Para evitar efeitos mais severos dessa condição, ela considera fundamental manter uma rotina de exercícios físicos.

A empresária e presidente da Agropecuária Bela Vista (ABV), Carla de Freitas, descreveu as dificuldades do gênero feminino no campo. De acordo com a presidente, 19% dos estabelecimentos rurais são dirigidos por mulheres. Mas esse número pode ser maior, pois muitas gestoras femininas ainda não foram efetivadas no comando. Além disso, 34% dos cargos de liderança em empresas do agronegócio são ocupados por mulheres em 2025. “São poucas as mulheres na liderança, isso me dá uma tristeza muito grande”, anunciou a empresária. “A mulher gera vida, essa sensibilidade que nós temos, em cuidar do filho, da casa, ela traz tudo isso. A importância da mulher no agronegócio é brutal”, frisou.

O mesmo problema ocorre no setor de energia. No Brasil, somente 20% dos cargos são femininos, segundo a CEO da Empresa Metropolitana de Águas e Energia de São Paulo (Emae), Karla Maciel. E, neste universo reduzido, apenas 5% exercem cargos de gestão. “É um percentual muito baixo, o percentual de cargos de mulheres CEOs é de 6%, o setor de energia consegue ser pior ainda”, ressaltou. Em 125 anos de história da Emae, Karla Maciel é a primeira mulher a estar na posição de diretora executiva. Segundo Maciel, a liderança feminina traz diversidade de pensamento, empatia para gestão, impulsão na inovação, novas perspectivas e formas de olhar no dia a dia, gerando um ambiente acolhedor e participativo.

Heloisa Garrett, empresária e presidente do Lide Paraná, questionou

o fato de haver tendência à inserção de mulheres apenas em cargos de assistência ou de assessoria a uma liderança, que geralmente é assumida por um homem. Ela também afirmou que mulheres devem buscar papéis de protagonismo, mesmo que sejam questionadas em relação aos cuidados com a casa ou com filhos. “Quando eu assumi o Lide, há seis anos, foi um desafio, porque meu filho mais novo tinha três meses. Ao meu marido, que também trabalhava, ninguém perguntava sobre quem cuidaria dos filhos”, relatou.

Na dura realidade feminina no mercado de trabalho, há exemplos animadores. E uma das estratégias fundamentais é abrir oportunidades para a ascensão das melhores profissionais. Na visão da empresária Lídia Abdalla, CEO do Grupo Sabin, empresas devem oferecer cenário para que suas funcionárias sejam capazes de chegar à posição de chefia. “Nosso papel à frente dos negócios é ser exemplo para outras mulheres. E a mensagem que fica é que funcionárias e trainees também podem chegar lá”, apontou Lídia, destacando que o quadro de funcionários do Sabin tem 74% de lideranças femininas.

A expectativa de que mulheres assumam cargos de destaque no mercado, além do combate a barreiras do machismo, demanda qualificação profissional. Daniela Pereira, superintendente de Recursos Humanos do Banco Bradesco, contou que a empresa oferece “preparação para que mulheres estejam mais qualificadas e compitam mais no mercado”.

Aplauso masculino

Atentos aos testemunhos das mulheres convidadas para o Brasília Summit, os homens aplaudiram a profundidade e riqueza dos depoimentos. O ex-governador, ex-prefeito de São Paulo e co-chairman do Lide João Doria disse que o reconhecimento feminino deve vir acompanhado de igualdade de oportunidades e valorização real. “As mulheres têm a capacidade de concluir, de dar continuidade e de agir com sensibilidade. É por isso que são diferenciadas e, em muitos casos, melhores na liderança”, afirmou.

O empresário e presidente do Lide Brasília, Paulo Octávio, por sua vez, reforçou o impacto das discussões e a importância das mulheres no mundo empresarial. “De todos os summits realizados em Brasília, este foi o mais marcante, o que deixou uma mensagem clara para o futuro do Brasil”, disse.

O presidente do **Correio Braziliense**, Guilherme Machado, por sua vez, afirmou que as mulheres são essenciais ao sucesso de qualquer empresa. “Líderes femininos na minha vida são uma coisa constante. E eu não tenho dúvida de que a capacidade, a sensibilidade e, principalmente, a intuição feminina, fazem qualquer empresa caminhar, qualquer negócio se mover”, declarou.

(Participaram da cobertura Victor Correia, Vinicius Doria, Francisco Artur de Lima, Raphael Pati, Pedro José, Rafaela Bomfim e Caetano Yamamoto)